

A educação para além do capital¹

*Almir Paulo dos Santos**

*Fabício Brustolin***

*Jarbas Dameto****

*Valdecir Soligo*****

O texto em questão foi escrito para a conferência de abertura do Fórum Mundial de Educação, realizado em Porto Alegre, no dia 28 de julho de 2004. Mészáros é considerado um dos mais importantes pensadores da atualidade. Sua experiência como operário e estudante na Hungria socialista, em meio às grandes tragédias do século XX, foi fundamental para a compreensão da educação como possibilidade de superar os obstáculos da realidade. Ele sempre militou em defesa da escola das maiorias, das periferias, uma escola capaz de oferecer possibilidades concretas de libertação para todos.

O texto é uma instigante investigação, pois o autor fornece subsídios importantes para pensar uma educação como possibilidade de ir além do que o capital apresenta, ou seja, uma educação em direção à vida. Para tanto, é importante compreender que a educação não é um negócio a ser utilizado para a qualificação do mercado, é muito mais do que isso. Ela deve estar

em confronto contínuo com as ações concretas.

O ser humano, na relação com seu trabalho e o meio social, deve buscar a superação da lógica desumanizadora do capital através da educação, pois, segundo Mészáros, ela é alienante e beneficia o próprio capital. Assim, é necessário que a educação seja pensada de forma continuada e permanente. Essa perspectiva é condição para se ultrapassar a lógica do capital, caso contrário, não é educação. Para o autor, é nas práticas educacionais que educadores e alunos podem trabalhar as mudanças necessárias para a construção de uma sociedade na qual o capital não explore mais o tempo e o lazer. A exploração é um pressuposto mercantilista do capital que escravi-

* Licenciado em Filosofia e mestrando em Educação, Universidade de Passo Fundo - UPF.

** Licenciado em Filosofia e mestrando em Educação, Universidade de Passo Fundo - UPF.

*** Psicólogo e mestrando em Educação, Universidade de Passo Fundo - UPF.

**** Licenciado em História e mestrando em Educação, Universidade de Passo Fundo - UPF.

za e mantém o ser humano dentro da própria lógica do mercado.

A grande meta para os que lutam contra a sociedade mercantil é compreender como o capital se apresenta e se reproduz, não reproduzir os ideais midiáticos. Decifrar essas artimanhas implica ir além da ideologia do próprio capital e fornecer um *status* de liberdade ao ser humano para que possa decidir e discernir em benefício de sua própria emancipação. Na atualidade os processos educacionais e os processos sociais estão intimamente ligados ao modo de reprodução de capital, o que significa dizer que uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem uma transformação social qualitativa. Historicamente, é perceptível que os processos de reestruturação do capital legitimaram as ideologias dominantes, articuladas às exigências de uma lógica global, e contribuem para a reprodução dos ideais de mercado. Romper com essa lógica implica fornecer alternativas educacionais para a superação desse modelo.

No livro, o autor faz referência a dois grandes expoentes do pensamento burguês: Adam Smith, um dos maiores economistas e políticos de todos os tempos, e Robert Owen, um extraordinário reformador social e educacional. Segundo Adam Smith, o modelo capitalista de reprodução apresenta um impacto negativo para a classe trabalhadora, pois a educação do ser humano fica limitada, tornando-se incapaz de elevar-se. Essa condição do capital

é negativa para o ser humano e para sua inserção social. As idéias apresentadas por Adam Smith favorecem a constituição do modelo mercantilista, que tem o capital como seu grande aliado, pois o “espírito comercial” tem a função de culpar os próprios trabalhadores pela situação infeliz que o sistema lhes impõe, prevalecendo a lógica do capital, colocando suas idéias inescrupulosa e insensível à educação e para a condição humana.

Robert Owen, meio século após Adam Smith, denuncia a busca do lucro, o poder do dinheiro, e denuncia o empregador como mero instrumento de ganho. Ele mostra em suas pesquisas teóricas que “na sua experiência educacional prática ele espera que a cura se origine do impacto da ‘razão’ e do esclarecimento, pregando não aos *convertidos*, mas aos *inconvertíveis*” (p. 30).

Parece evidente que o êxito da educação, conforme proposta por Robert Owen, por meio da qual a humanidade se torna esclarecida racionalmente, é uma falácia, pois a “incorrigibilidade da lógica perversa do capital” (p. 34) em nome de uma educação utópica fortalece ainda mais o desenvolvimento do sistema imposto pelo capital. O modelo de educação institucionalizado apontado por Mészáros que fornece conhecimentos para a máquina produtiva e para a expansão do capital; também legitima os interesses dominantes e nega possibilidades de mudanças, como se não houvesse nenhuma alternativa para a gestão da sociedade.

O autor da obra destaca o papel de John Locke como expoente do liberalismo moderno. Critica o pensamento de Locke quando diz que o “crescimento do número dos pobres nada mais é do que o relaxamento da disciplina e a corrupção dos hábitos. Portanto o primeiro passo no sentido de fazer os pobres trabalhar deve ser a restrição da sua libertinagem mediante a aplicação estrita das leis” (p. 40). Para Locke, seria preciso combinar disciplina austera de trabalho com uma doutrinação religiosa, com o menor gasto possível tanto para o Município quanto para o Estado. Em vista disso, propõe que os filhos de trabalhadores com idade entre quatro e treze anos de idade estudem em escolas profissionalizantes chamadas “paróquias”, adequadas de acordo com as determinações reprodutivas do sistema do capital. A condição de inserção no mercado de trabalho como característica disciplinadora pelo capital, juntamente com a doutrinação religiosa, perpassou vários períodos históricos e fornece um elemento consistente para a caracterização do período moderno.

Mészáros diz que a internalização do capital por meio da educação constitui um bom trabalhador, que atua dentro dos parâmetros reprodutivos gerais do sistema capitalista, o qual se fortalece e desenvolve com mais intensidade à medida que o tempo passa. Com isso, Mészáros questiona as instituições formais de educação e o papel que exercem na manutenção do sistema global. Daí a discussão que faz com que a educação não seja formal,

mas, sim, uma necessidade essencial intrínseca em cada ser humano, abrangendo a totalidade das práticas educacionais da sociedade estabelecida. Esse pressuposto de educação formal deve inverter a lógica da educação no sentido de ser orientada pela sociedade, não pela lógica do capital.

Dentro dessa perspectiva, o processo de aprendizagem deve estar relacionado com nossa própria vida, não com a lógica mistificadora do capital. Essa consciência de educar é um dos pressupostos indispensáveis para perseguir a idéia de uma educação para além do capital, pois fundamenta uma nova forma de pensar a educação. O autor recupera a crítica de Gramsci quando diz que o objetivo da educação é manter o proletariado a serviço do capital. Ao mesmo tempo defende a idéia de que “o homo faber não pode ser separado do homo sapiens” (p. 49). Isso implica fazer com que todo o ser humano contribua para a formação de uma concepção de mudança, internalizando os ideais do próprio mundo da vida.

O domínio do capital pode ser superado na medida em que as concepções de aprendizagem estejam relacionadas com nossa própria vida. Por isso, propõe que os princípios da educação formal se desfaçam da lógica do capital e de imposições que este fornece e, ao mesmo tempo, mova-se em direção a um intercâmbio ativo e efetivo com práticas educacionais mais amplas, que é a *própria vida*. Assim, contribui para romper com a lógica do capital, bem como em constituir um

processo educacional que fundamente a sociedade como um todo.

A educação como “transcendência positiva da auto-alienação do trabalho” (p. 59) exige uma intervenção consciente em todos os domínios e em todos os níveis de existência individual e social, modificando a maneira de ser. “Inevitavelmente, os primeiros passos de uma grande transformação social na nossa época envolvem a necessidade de manter sob controle o estado político hostil que se opõe, e pela sua própria natureza deve se opor, a qualquer idéia de uma reestruturação mais ampla da sociedade” (p. 61).

A educação tem papel fundamental para romper com a internalização dos princípios capitalistas. Ao mesmo tempo diz que a “contra-internalização” (p. 61) exige uma visão concreta e abrangente da sociedade. O papel da educação é de elaboração das estratégias para as mudanças nas condições objetivas da reprodução capitalista, bem como para uma automudança consciente dos indivíduos como forma de criar uma ordem metabólica diferente daquela do mercado e do capital.

Para que isso aconteça dois princípios são imprescindíveis: “A universalização da educação e universaliza-

ção do trabalho como atividade humana auto-realizadora” (p. 67). De fato, nenhuma delas é viável sem a outra. O desafio para ir “além do capital” é universalizar o trabalho e a educação, visando a uma ordem social qualitativamente diferente da preestabelecida. Uma educação orientada pela perspectiva para ir além do capital é absolutamente crucial (p. 72). Existe um defeito grave e insuperável do sistema do capital que é a alienação dos seres humanos.

O importante é compreender que nenhum objetivo emancipador é concebível sem a intervenção de uma educação consciente, no sentido de construir uma nova ordem social, que vá além do capital e rompa com seu círculo vicioso. Nesse processo, uma educação continuada se apresenta como uma das alternativas possíveis; para tanto, ela precisa estar articulada adequadamente a um projeto social crítico e emancipatório. A tarefa de constituir um processo educacional que vá “*além do capital*” e que seja emancipatório é compromisso de todos.

Nota

- ¹ MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. Trad. de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.